

A SEMANA – 238*

20 de dezembro de 1896

É minha opinião que não se deve dizer mal de ninguém, e ainda menos da polícia. A polícia é uma instituição necessária à ordem e à vida de uma cidade.

Nos melhores tempos da nossa bela Guanabara, como lhe chamam poetas,¹ tínhamos o Vidigal e o Aragão.² Esse Aragão, que eu não conheci, vinha ainda falar aos de minha geração pela boca do sino de S. Francisco de Paula, às 10 horas da noite³ – hora de recolher, fazendo lembrar aquilo da ópera: – *Abitanti de Parigi, è ora di riposar.*⁴

Ó tempos! tempos! Os escravos corriam para a casa dos senhores, e todo o cidadão, por mais livre que fosse, tinha obrigação de se deixar apalpar, a ver se trazia

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 355, p. 1, 20 dez. 1896), SEMMA (p. 393-398) e SEM1953 (v. 3, p. 358-365). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ O termo “guanabara” (s.f.) vem do Tupi “goanã-pará” (= baía semelhante ao mar); de gwa “baía”, nã “semelhante”, ba’ra “mar”. (HOUAISS, 2001, p. 1490) Sousa da Silveira (1999, p. 83), em nota ao poema “Rosa murcha”, na edição das *Obras de Casimiro de Abreu*, pelo fato de o poeta ter escrito um verso – “O meu lindo Guanabara” – com a palavra no masculino, escreveu: “A oscilação do gênero do artigo resulta do fato de haverem confundido, não só os índios mas os próprios navegadores europeus de outrora, as fozes de grandes rios com as barras de golfos ou baías. O gênero masculino aparecia quando vinha à mente a ideia de ‘rio’, e o feminino quando se pensava em ‘baía’. Depois os conceitos gerais de ‘rio’ ou ‘baía’ foram eliminados e ficou só o determinante ‘Guanabara’, ora masculino, ora feminino, e por fim só feminino, se não estou em erro supondo que seja esse o único gênero que atualmente lhe damos. Foi, provavelmente, a reflexão de que se trata mesmo de uma baía o que tornou vitorioso o feminino.” Ver, sobre o assunto, trecho do artigo de Rilane Teles de Souza (2016, p. 34-48).

² Miguel Nunes Vidigal (1745-1843), chefe de polícia no tempo de d. João VI. O cronista já se referiu a Vidigal em “A Semana – 168”, crônica de 18 de agosto de 1895 (*Machadiana Eletrônica*, v. 4, n. 8, p. 195-199). O militar tornou-se personagem da cultura popular. Manuel Antônio de Almeida (1830-1861) se refere a ele em *Memórias de um sargento de milícias*. Antônio Firmino Monteiro (1855-1888) pintou em 1880 o quadro *O Vidigal diante da casa de Vidinha* (ver *Machadiana Eletrônica*, v. 4, n. 8, p. 199). Francisco Alberto Teixeira de Aragão (1788-1847) foi chefe de polícia entre 1824 e 1827. Em seu tempo, o toque do sino da igreja de São Francisco de Paula, às 22 horas, anunciava a hora de recolher. (Ver PETRAGLIA, 2017, v. 10, n. 22, p. 126-147.)

³ noite] noite, – em SEM1953.

⁴ *Abitanti de Parigi, è ora di riposar.*] *Habitanti de Parigi é ora di riposar.* – em GN; *Habitanti di Parigi é ora di riposar.* – em SEMMA. “Habitantes de Paris, é hora de repousar.” [Trad. nossa] Não identificamos a ópera a que se refere o cronista.

navalha na algibeira. Era primitivo, mas tiradas as navalhas aos malfeitores, poupava-se a vida à gente pacífica.

Não se deve dizer mal da polícia. Ela pode não ser boa, pode não ter sagacidade, nem habilidade, nem método, nem pessoal; mas, com tudo isso, ou sem tudo isso, é instituição necessária. Os tempos vão suprindo as lacunas, emendando os defeitos. Para falar de nós, já começamos a perder a ideia de uma polícia eleitoral ou de um canapé destinado a alguém que passa de um cargo a outro e descansa um mês para tomar fôlego. O pessoal secreto é difícil de escolher; outrora, nem sequer era secreto. Quem se não lembra daquele famoso assassinato da rua Uruguaiana, há anos, cujo autor fugia perseguido por pessoas do povo que bradavam: “Pega! é secreta!” Duas lições houve nesse acontecimento: 1º, o crime praticado pela virtude; 2º, o secreto conhecido de toda gente. Não obstante, repito, a instituição é necessária, e antes medíocre que nenhuma.

Agora mesmo, se nada se tem encontrado acerca da dinamite tirada de um depósito,⁵ é porque os ladrões de dinamite não são como os de simples lenços pendurados às portas das lojas. Estes são obrigados a furtar de dia, à vista do dono e dos passantes, correm, são perseguidos pelo clamor público, e afinal pegados. Eu, apesar do gosto que tenho à psicologia, ainda não pude descobrir o móvel secreto das pessoas que perseguem neste caso a um gatuno. É o simples impulso da virtude? É o desejo de perseguir um homem hábil que quer escapar à lei? Mistério insondável. A virtude é, decerto, um grande e nobre motivo, e se pudesse haver deliberação no ato, não há dúvida que ela seria o motivo único; mas, não se pode deliberar quando alguém furta um lenço e foge; o ato da corrida é imediato. Se os perseguidores fossem outros lojistas, não há dúvida que, por aquele seguro mútuo natural entre pessoas interessadas, cada um trataria de capturar e fazer punir o que defraudou o vizinho, e pode amanhã vir defraudá-lo a ele. Mas, em geral, os perseguidores são pessoas que nada têm com aquilo. Nenhum deles levaria nunca o lenço de ninguém; não contesto que um ou outro, posto em corredor escuro e solitário, diante de um relógio de ouro, regulando bem, longe dos homens, dificilmente sairá sem o relógio no bolso. É, por outra maneira, o problema de Diderot.⁶ Não vades crer que eu condeno a perseguição dos delinquentes; ao contrário, aplaudo o espírito de solidariedade que deve prender o cidadão à autoridade e à lei; mas não falo em tese, falo em hipótese.

Portanto, não admira que a dinamite continue encoberta. Há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia. É velho este pensamento de Hamlet;⁷

⁵ Notícia sobre roubo de dinamite de depósito no Rio de Janeiro, ocorrido nesta semana, pode ser lida na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 351, p. 2, col. 4, 16 dez. 1896).

⁶ Denis Diderot (1713-1784) era escritor e filósofo francês. O “problema de Diderot”, poderíamos dizer, “opõe duas posições: 1 – a dos que reconhecem a autoridade das leis, da tradição, dos papéis sociais e dos acordos implícitos ou explícitos, e por eles orientam suas ações; e 2 – a dos que fundam na razão ou no “bom senso” seus juízos e ações.” (apropriamo-nos, aqui, para os nossos fins, das palavras de BIRCHAL, 2013, p. 48)

⁷ Fala de Hamlet a Horácio em *Hamlet* (ato I, cena V), de Shakespeare (2022, p. 52): “Há mais coisas, Horácio, em céus e terras, do que sonhou nossa filosofia.” [Tradução de Bárbara Heliodora]

mas nem por velho perde. Eu não peço às verdades que usem sempre cabelos brancos, todas servem, ainda que os tragam brancos ou grisalhos. Ora, se há muita coisa entre o céu e a terra, a dinamite pode lá estar; é muita, convenho, mas o espaço é vasto e sobra. Como iremos buscá-la tão alto? A polícia, – a própria polícia inglesa, que dizem ser a melhor aparelhada, ainda não possui agentes aéreos. Ouço que há agora dois homens em Paris que tencionam ir em balão descobrir... o quê? descobrir o polo; mas polo não é dinamite, que faz voar casas e túneis de estradas de ferro. Polo não vive escondido; deixa-se estar à espera. Notemos que os interrogados até agora não disseram nada que esclareça sobre o paradeiro da matéria roubada; ou são inocentes, ou estão ligados por juramentos terríveis, a não ser que o próprio interesse lhes tape a boca; explicação esta muito natural. Não havendo meios de tortura, – o látigo ao menos, – como fazer falar a pessoas mudas?

Mas, tudo isto me tem desviado do ponto⁸ a que queria ir. Vamos a ele. Não se deixem levar por aparências; não cuidem que faço aqui um noticiário criminal. A boa regra para quem empunha uma pena é só tratar do que pode dar de si algum suco, – uma ideia, uma descoberta, uma conclusão. Não dando nada, não vale a pena gastar papel e tinta;⁹ melhor é abrir as janelas e ouvir o passaredo que canta no arvoredado, para rimarem juntos, e os insetos que zumbem, o trem da linha do Corcovado que sobe, e ver o sol que desce por estas montanhas abaixo, garrido e cálido, como um rapaz de vinte anos. Grande sol, quando esfriarás tu? em que século apagarás o facho com que andas pela escuridão do infinito? Talvez a terra já não exista, com todas as suas cidades, policiadas ou não.

Um amigo meu teve um roubo em casa, um cofre de joias. Quando, ignoro; pode ter sido agora, pode ter sido antes de 13 de maio, antes da guerra do Paraguai, antes da guerra dos Farrapos, antes da guerra de Troia. Afinal, que valem datas! Suponhamos que é da ópera:

C'est à la cour du roi Henri,
Messieurs, que se passait ceci.¹⁰

Furtadas as joias, o meu amigo conseguiu dar com elas, dentro do cofre, e o cofre escondido em uma chácara, à espera talvez da noite seguinte, para poder ser levado, com o grande peso que tinha. Já estava aberto, com dois relógios de menos. No trabalho a que ele se deu foi acompanhado por uma praça de polícia, a fim de capturar o ladrão, se fosse achado; mas o ladrão não apareceu.

Este meu amigo é advogado. Qualquer profano, descoberto o cofre, levá-lo-ia para casa, dando graças a Deus por só haver perdido os relógios. O meu amigo, antes de

⁸ ponto] pondo – em GN. Seguimos a lição de Aurélio, que já estava em Mário de Alencar.

⁹ tinta;] tinia; – em GN.

¹⁰ Citação da ópera *Les mousquetaires de la Reine*, de Henri de Saint-Georges (1860, ato II, cena XI, p. 13): “É na corte do rei Henrique, / senhores, que isto se passava.” [Trad. nossa]

tudo, cuidou no corpo de delito. Fez-me lembrar aquele coronel inglês, Nevil,¹¹ que ao saber dos ferimentos do irmão da bela Colomba, admira-se de não terem ainda apresentado queixa a um magistrado. “Falara do inquérito pelo *coroner*¹² e de muitas outras coisas desconhecidas na Córsega”,¹³ narra finalmente Mérimée. O meu amigo queria por força que se fizesse corpo de delito, e foi à polícia uma vez, duas, três, penso que quatro, mas não afirmo. O intervalo foi sempre, mais ou menos, de duas horas; mas não achou nunca autoridade disponível. Não era preciso ouvir que voltasse depois; ele voltaria, ele voltou, e (vede o prêmio da tenacidade!) tanto voltou que achou uma. Então contou-lhe o caso, e acabou pedindo corpo de delito.

– Bem, responderam-lhe; vai-se fazer,¹⁴ mas *onde está o ferido?*

A alma do meu amigo não lhe caiu ao chão, porque ele, depois de tantas idas e vindas, já não tinha alma. Perdeu a fala, isso sim; não soube que responder. Essa noção tão particular do corpo de delito fez voltar ao coração todas as belas coisas que preparara. Para ser exato, não afirmo que saísse calado; pode ser que afinal apresentasse algumas explicações, vagas, tortas, vexadas, apenas suspiradas, ao canto da boca. E tornou para casa, dando mentalmente os dois relógios ao ladrão, para que ele não fosse para o inferno com esse pecado às costas; irá com outros. Enfim, o meu amigo quis gratificar a praça que o acompanhou nas pesquisas; a praça recusou, dizendo haver estado ali cumprindo a sua obrigação. Eis aí uma boa nota policial, e não faltarão outras, como a do assalto às tavolagens, em que nunca as mãos lhe doam.

E a conclusão? A conclusão é que nem todas as palavras têm o mesmo eco em todas as cabeças, e há muitas noções diversas para um só e triste vocábulo. *Ergo bibamus.*¹⁵



Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

¹¹ Nevil,] Melvil, – em GN, em SEMMA e SEM1953. O coronel Thomas Nevil é personagem do romance *Colomba*, de Prosper Mérimée (1803-1870).

¹² No *Dictionnaire de l'Académie Française*, o vocábulo “coroner” designa oficial de justiça encarregado de apurar, em nome da Coroa, e com assistência de um júri, as causas de uma morte violenta. (Disponível em: <<https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A7C2970>>)

¹³ Citação do romance *Colomba*, de Mérimée (1913, p. 177): “Il parlait de l'enquête du coroner et de bien d'autres choses également inconnues en Corse.”

¹⁴ fazer,] fazer – em GN (palavra em fim de linha) e em SEMMA. Adotamos a pontuação de Aurélio.

¹⁵ *bibamus.*] *bigamus*. – em SEM1953. *Ergo bibamus* (“Então, bebamos”), poema de Goethe (1749-1832).

Referências

ABREU, Casimiro de. *Obras de Casimiro de Abreu*. Apuração e revisão do texto, esboço biográfico, notas e índices por Sousa da Silveira. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 355, p. 1, 20 dez. 1896. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=15457>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

BIRCHAL, Telma de Souza. O Dilema de Diderot em *Entretien d'un père avec ses enfants*. *Analytica*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 45-58.

DIDEROT, D. Lamentações sobre meu velho robe ou Aviso aos que não têm mais gosto do que fortuna. Tradução de J. Guinsburg. *Revista USP*, (4), 1990, p. 153-156. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i4p153-156>>

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MÉRIMÉE, Prosper. *Colomba*. Paris: Librairie des Amateurs, 1913. Disponível em: <<https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb309301809>>

PETRAGLIA, Benito. O Rio de Janeiro nas crônicas de “A Semana”. *Machado de Assis em Linha* [online]. 2017, v. 10, n. 22, p. 126-147. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1983-6821201710229>>.

SAINT-GEORGES, Henri de (1799-1875). *Les mousquetaires de la Reine*: opéra comique en trois actes. Paris: Michel-Lévy frères, 1860. Disponível em: <<https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb312811481>>.

SHAKEASPEARE, William. *Hamlet*. Tradução de Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2022.

SOUZA, Rilane Teles de. Machado de Assis entre dois sistemas de versificação. *Machado Assis Linha* [Internet], São Paulo, v. 9, n. 19, p. 34-48, dez. 2016.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.